

# PROJETO CASA AMARELA: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E TRABALHO SOCIAL

**Mára Beatriz Pucci de Mattos**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Brasil

[mara.mattos@ifrn.edu.br](mailto:mara.mattos@ifrn.edu.br)

---

## Resumo

O presente artigo relata uma experiência de educação inclusiva e de trabalho social, denominada *Projeto Casa Amarela*, desenvolvida por uma equipe multidisciplinar de docentes, psicóloga, alunos e estagiários do Centro de Atenção Psicossocial e do Campus Natal – Cidade Alta, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em Natal, Brasil. Metáfora do sonho de Van Gogh de construir uma comunidade de artistas, o projeto oferece cursos na arte da pintura, do desenho, da dança e da produção de papel artesanal para a inclusão de pessoas com transtorno mental e dependência. O artigo divide-se em introdução, desenvolvimento e considerações finais, utilizando-se metodologia do DBAE, do portfólio e do voluntariado. O projeto instaura um processo terapêutico de educação, de reinserção social e de acesso ao mercado da arte, ressignificando estigmas históricos e amenizando o sofrimento emocional dos doentes mentais e dependentes para usufruto do direito social à cultura e o exercício pleno da cidadania.

## Palavras-chave

arte, educação, inclusão, equipe, cidadania

---

## Abstract

This paper reports an experience of inclusive education and social work, called Yellow House Project developed by a multidisciplinary team of teachers, psychologist, students and trainees of Center for Psychosocial Care, and the Campus Natal – Cidade Alta, of the Institute Federal Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte, Natal, Brazil. Metaphor of Van Gogh dream, to build a community of artists, the project offers courses in the art of painting, design, dance and production of handmade paper for inclusion of people with mental illness and addiction. The article is divided into introduction, development and final considerations. Methodology uses the DBAE, the portfolio and volunteering. The project establishes a therapeutic process, education, social reintegration and access to the art market, giving new meaning to historical stigmas and easing emotional suffering for enjoyment of social and cultural right to full citizenship.

## Keywords

art, education, inclusion, team, citizenship

---

---

## Résumé

Cet article présente une expérience de l'éducation inclusive et de travail social, appelé Yellow House Project développé par une équipe pluridisciplinaire d'enseignants, de psychologues, étudiants et stagiaires du Centre de Soins Psychosociaux et Campus Natal – Cidade Alta, l'Institut fédéral de l'éducation, de la science et de la technologie de Rio Grande do Norte, Natal, Brésil. Métaphore de Van Gogh rêve, de construire une communauté d'artistes, le projet offre des cours dans l'art de la peinture, le dessin, la danse et la production de papier à la main pour l'inclusion des personnes ayant une maladie mentale et la toxicomanie. L'article est divisé en introduction, le développement et les considérations finales. Méthodologie utilise le DBAE, la portefeuille et le bénévolat. Le projet établit un processus thérapeutique, l'éducation, la réinsertion sociale et l'accès au marché de l'art, donnant un nouveau sens à stigmatisés historique et soulager la souffrance émotionnelle pour le plaisir de droit social et culturel à la pleine citoyenneté.

## Mots-clés

l'art, l'éducation, l'inclusion, l'équipe, la citoyenneté

---

## Resumen

Este trabajo presenta una experiencia de educación inclusiva y de trabajo social, llamada Yellow House Proyecto desarrollado por un equipo multidisciplinar de profesores, psicólogos, estudiantes y pasantes del Centro de Atención Psicosocial y Campus Natal-Cidade Alta, del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. Metáfora de Van Gogh sueño, para construir una comunidad de artistas, el proyecto ofrece cursos en el arte de la pintura, la danza y la producción de papel hecho a mano para la inclusión de las personas con enfermedad mental y adicción. El artículo se divide en introducción, desarrollo y consideraciones finales. Metodología utiliza el DBAE, la cartera y el voluntariado. El proyecto establece un proceso terapéutico, la educación, la integración social y el acceso al mercado del arte, dando un nuevo significado a los estigmas históricos y aliviar el sufrimiento emocional para el disfrute del derecho social y cultural la ciudadanía plena.

## Palabras clave

arte, la educación, la inclusión, el equipo, la ciudadanía

---

# Introdução

A obra de arte “Casa Amarela”, óleo sobre tela, pintada em setembro de 1888, pelo artista holandês Vincent Van Gogh. Na sua cor e nos seus ideais, ela se constitui como a metáfora do sonho de vida de Van Gogh: formar uma confraria de artistas, amantes do sol, em permanente criação, diálogo e reflexão sobre a arte. O prédio do Campus Natal – Cidade Alta, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte -IFRN, restaurado em 2009, guarda similaridade com o sonho de vida de Van Gogh: uma edificação em estilo neocolonial, na cor amarela, localizada em Natal (cidade do sol), região Nordeste do Brasil, que abrigava a antiga “república das artes”, apropriada por moradores de rua e grupos de artistas populares.

A cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte, está localizada em território árido, no polígono das secas, na Região Nordeste do Brasil. Há décadas, os governos e a iniciativa privada tentam suprir a falta d’água com projetos de irrigação que favoreçam a agricultura e a pecuária. O estado possui tradição turística, ligada ao artesanato, culinária, folclore, literatura de cordel, arte e manifestações culturais. A educação, considerada uma das piores do Brasil, é resultado da situação pós-colonial.

A edificação da antiga República das Artes passou por uma restauração e, atualmente, abriga o Campus Natal – Cidade Alta, do IFRN, instituição de ensino técnico e tecnológico, que abriga galeria de arte, museu do brinquedo popular, laboratórios de dança, teatro, artes visuais, videoteca, brinquedoteca, biblioteca, auditório e salas de aula. Uma equipe multidisciplinar, comprometida com a educação de qualidade, atua no Campus, na perspectiva da arte social e do valor da cultura, enquanto direitos sociais das classes populares. A missão institucional e os projetos amparam-se numa pedagogia de socialização plena, interação e diálogo entre pessoas e comunidades do entorno, de modo que elas se apropriem, afetivamente, dos espaços artísticos e educacionais para usufruto do direito social à educação e à cultura como garantias cidadãs. A história da arte e da formação da sociedade brasileira evidencia o descaso com os membros das comunidades e das classes populares, especialmente aqueles com doença mental e dependência. A saúde psíquica é um objetivo a ser alcançado pelo conjunto de instituições, atores e agentes, inseridos num contexto socioeconômico, histórico e cultural – responsáveis pelo

bem-estar. A exclusão tem desresponsabilizado entidades e agentes sociais de produzir correções e mudanças sociais em favor dos direitos das pessoas com transtorno mental e dependência, embora as normas estejam consolidadas pelo legislador, nas distintas cartas constitucionais do Brasil, acolhendo as necessidades e a dinâmica da sociedade.

Desde a primeira constituição brasileira, a Constituição Política do Império do Brasil, de 1824, até a atual Constituição Federal, de 1988, houve gradativa ampliação dos conceitos e dos mecanismos de participação social. O conhecimento das normas para prover justiça social e exercício da cidadania é empreendimento que vai se construindo pelas instituições e por todos os membros da sociedade, a fim de se criar políticas e desenvolver ações e projetos, incitando a prática social cidadã. O trabalho social, emergente da pesquisa, do ensino e da extensão, revela o valor das identidades formadoras e das cooperativas sociais enquanto contingente de pessoas qualificadas, que possuem extraordinariedade espiritual para refletir, agir e ocupar os espaços políticos para atender às pautas reivindicatórias e influenciar aqueles que, por si só ou por fatores institucionais e forças políticas, não conseguem fazê-lo.

O nascimento de uma feição cultural crioula, segundo Darcy Ribeiro (2006), no entorno do complexo econômico do açúcar e das fazendas criou ramificações econômicas e sociais do Estado, originárias do sincretismo e fusão racial do branco com o índio e o negro, numa sociedade patriarcal capitalista. O autoritarismo de coronéis e senhores de engenho, similares à aristocracia feudal, processou um tipo de desenvolvimento excludente aos negros e mestiços. O flagelo das secas impossibilitou estruturação familiar e socioeconômica do povo pela escravização e formação de um proletariado, com rígida disciplina de trabalho na lavoura e no pastoreio.

Sob a guarda de latifúndios, de forças políticas poderosas de domínio hegemônico com interesses opostos aos da população miserável, surgem os exemplos de negligência com a justiça social e os direitos humanos, evidentes na pobreza e no analfabetismo de vastos contingentes populacionais. Em permanente processo de migração do interior desértico e pobre para capital, em busca de água, moradia, educação e trabalho os “matutos” vão se amontoando em favelas nas periferias e nos locais impróprios para vida digna. Para Liliâne Vieira Longman (2007) as classificações e os rótulos, inerentes aos atos de incluir/excluir, dividem o universo das pessoas, que com suas ideo-

logias produzem normas como ideal com função de classificar o outro. Esse quadro de violência inclui o discurso ambivalente, oscilando entre o direito, tutela e desqualificação com estereótipos dos documentos oficiais.

O desemprego, a inclusão e a “empregabilidade converteram-se num corolário dos conhecimentos, habilidades e esforços individuais para adequação” (GENTILI; FRIGOTTO, 2011:59) num mundo povoado por vastos contingentes educados e abundância de diplomas. O trabalho social surge como matiz de positividade, tentando construir uma relação socializadora, educativa e respeitosa no combate às formas de exclusão dos doentes mentais, exemplificadas na vida de Vincent Van Gogh e do artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário. Marinheiro dos 15 aos 23 anos, “Bispo do Rosário” teve um surto em 1938, foi fichado, pela polícia, como negro, indigente, esquizofrênico e levado ao Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha. Transferido em 1939, para a Colônia Juliana Moreira “Bispo do Rosário” viveu marginalizado e excluído por cinco décadas na colônia para “loucos”. Faleceu em julho de 1989.

Nos anos de 1989 a 1993 seis exposições mostraram esculturas, pinturas, bordados, colagens, montagens e *assemblages* de Arthur Bispo do Rosário. Qualquer sucata ou objeto do cotidiano da instituição manicomial era incorporado ao conjunto da obra de arte, agregando novos sentidos ao original, num processo de desconstrução e reconstrução institucional. Suas obras, consagradas como referências da arte brasileira, fazem parte do acervo do Museu das Imagens do Inconsciente, inaugurando tratamento psiquiátrico mais humanizado e reinserção social para os alienados. A percepção e o reconhecimento de conquistas dos oprimidos são parte de quadros tensos, onde se tecem os vínculos entre trabalho, exclusão e educação. A arte, em qualquer âmbito da vida, estimula as pessoas, segundo Howard Gardner (1999), a acreditar, com convicção, que suas expectativas e necessidades, no conjunto de habilidades, inteligências e estilos de aprendizagem, serão incentivados e revigorados naturalmente ou pela esperança dos pares circundantes.

O reconhecimento do trabalho de Bispo do Rosário na Bienal de Veneza (1995) e na Mostra Brasil 500 anos (2000) comprovam a profícua relação da arte no diálogo com o inconsciente. Os excluídos regozijam-se em se adaptar ao mundo, quando deveriam adaptar o mundo a si mesmo e provocar mudanças, porque, segundo John Elkington e Pamela Hartigan (2009), a imersão no mundo da insanidade produz engenhosi-

dades e cada aspecto dessa marginalidade permite aos indivíduos explorar suas assincronias de modo produtivo e expressar, através da arte, a natureza fragmentada pela doença.

Pautado nos princípios da educação social, o Projeto Casa Amarela buscou construir uma relação educativa que, segundo Maria Stela Graciani (2014), empodera a todos (equipe multidisciplinar, gestores e participantes) na perspectiva solidária e participativa para aprender a viver os valores culturais nos contextos em que as pessoas se percebem como diferentes, com os mesmos direitos e deveres, porque refletem sobre suas práticas e condicionantes históricos.

O foco do Projeto Casa Amarela é a ação do Poder Público, criando o ambiente educativo, igualdade de condições e de acesso aos doentes mentais e dependentes, sob a égide do Estado Democrático de Direito. Para Sonia M. B. Tommasi (2005), no Brasil, a humanização do tratamento dos doentes mentais, na década de 40, fez-se através da integração da arte ao processo terapêutico. Foi a Dra. Nise da Silveira que constituiu o *Atelier* de Pintura e Modelagem, no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, utilizando a arte para adentrar no inconsciente de pessoas com consciência fragilizada, bem como o Dr. Osorio Cesar que criou a Escola Livre de Artes, na década de 50, no Complexo Hospitalar do Juquery, em São Paulo. Em 1920, Nise da Silveira reuniu obras de pacientes para criar o Museu das Imagens do Inconsciente.

Portanto, são Van Gogh, Bispo do Rosário, Dra. Nise e Dr. Osorio quatro referências em que a arte foi via de acesso ao inconsciente, à expressão, à terapia, à reinserção e à forma de educação natural. A forma como o indivíduo desenvolve seus conceitos e teorias, segundo Reuven Feuerstein et al (2014), guia sua prática, por isso, o fator cognitivo cumpre função importante de revelar as emoções mais elevadas e diferenciações morais e éticas profundas. Inicialmente, o Projeto Casa Amarela ofertou dois cursos de formação inicial em pintura e outro desenho de histórias em quadrinhos, totalizando 120 horas/aula para 30 jovens e adultos. Houve participações “sigilosas” de alunos, que ocultaram informações sobre sua doença (surdez, esquizofrenia e déficit cognitivo), mas foram brilhantes no processo criativo.

Em 2011 e 2012, a coordenação do Projeto Casa Amarela foi procurada pela psicóloga e professora de artes do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, da Secretaria Municipal da Saúde de Natal, que ensejava parceria institucional e apropriação da instituição educativa para reinserção dos indivíduos com transtorno men-

tal. Ao projeto juntaram-se dez usuários do CAPS, uma surda e uma moradora de rua, professoras de arte, psicóloga, alunos bolsistas, estagiários e voluntários do Campus Natal – Cidade Alta – IFRN e do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, ampliando a inclusão e qualificando o trato docente com a diversidade. No *redesign* do Projeto, implementado em 2013/2014 como Projeto Casa Amarela INTERARTE IFRN/CAPS o processo criativo agregou uma equipe multidisciplinar numa proposta de gestão compartilhada do Projeto entre a professora Coordenadora Geral Mára Beatriz Pucci de Mattos, a psicóloga Maria da Conceição Araújo Valença e as professoras de artes Maria das Graças Pinheiro Abrantes e Alzenir Luiza da Costa Oliveira, do Centro de Atenção Psicossocial de Natal. As pessoas com transtorno mental, em processo de aprendizado profissional, conviveram com alunos e servidores do Campus, reintegrando-se ao contexto comunitário, porque responderam bem à inclusão e se apropriaram afetivamente do “velho casarão” da Cidade Alta.

Na sua IIIª Fase, o Projeto Casa Amarela compromissou as instituições, agentes educacionais e comunidade com educação mais humana, privilegiando a qualidade de vida das pessoas fragilizadas pela doença mental, dependência e drogadição. Para Herbert Head (2013), toda pessoa é um tipo especial de artista, seja em sua atividade profissional criativa ou lúdica; e o equilíbrio psíquico, base da integração intelectual, só se torna possível quando a integração dos elementos formais abaixo do nível consciente tem permissão para ocorrer, bem como quando é incentivada através da imaginação e da expressão criativa.

O agir inclusivo mobilizou o trabalho social e diálogo institucional para ofertar cursos, forjando a brecha da exclusão e garantindo aos participantes que a arte seja ferramenta de mediação entre os mundos interior, inconsciente e exterior e o trabalho. Para L.S. Vigotski (2014) é no espaço potencial de desenvolvimento, localizado entre a realidade interna e externa, que a imaginação tem lugar e potencial criativo e higiênico para modificabilidade removendo obstáculos que impedem o reingresso social, o projeto tem como objetivo fomentar parceria entre IFRN e comunidade, assegurando o acesso ao trabalho, à cultura e à educação, criando uma cultura de reciprocidade orgânica e sinérgica entre organismos e contextos para saúde mental.

Este artigo apresenta breve relato de um trabalho social numa instituição pública brasileira – o Projeto Casa Amarela – IIIª Fase INTERARTE IFRN/CAPS, ampliando o espaço educativo do Campus na busca de in-

serção de jovens e adultos, usuários do CAPS de Natal. Pautado nos princípios da reinserção social, o presente artigo interpreta e acolhe as necessidades coletivas com vistas ao compromisso institucional de inclusão de pessoas com transtorno mental. Através do cérebro vêm as emoções, o saber, os transtornos mentais e o poder humano. Para Bear, Connors e Paradiso (2008), o ambiente tem um papel importante nas mudanças adaptativas, tendo em vista que as experiências sensoriais modificam o encéfalo durante o desenvolvimento e o aprendizado.

O artigo apresenta uma introdução, desenvolvimento, considerações finais e referências. O voluntariado, o portfólio e a *Discipline-Based Art Education* – DBAE são escolhas metodológicas para o projeto. Van Gogh tinha percepção de uma transformação social e referendava que pintava grandes girassóis, pois teria uma dúzia de painéis e o conjunto seria uma sinfonia em azul e amarelo, no sentido de ele preparar uma vida melhor aos pintores que o seguiriam. Metaforicamente, a casa amarela de Van Gogh habita em todos nós: uma casa pintada de amarelo com persianas em verde, rodeada de sol, numa praça, onde há muitas árvores. Por dentro, ela é pintada de branco; por cima, de um céu azul luminoso. Van Gogh insistia: “dentro da casa posso viver, respirar, pensar e pintar”, mas advertia “somente a nova geração poderá viver em paz.” Sem levar isso em conta, nossos deveres e as possibilidades de ação se tornarão mais claras somente através de nossa experiência” (BONGER, 2008: 291).

---



# Desenvolvimento

No século XIX, as Cartas Constitucionais promulgaram os direitos sociais, fixando um rol de garantias para o exercício das liberdades públicas e o acesso aos meios e condições que habilitam os cidadãos a exercê-las. A evolução do direito no Brasil, desde a primeira Constituição Política do Império do Brasil, de 1824 (BRASIL, 1824), agregou o conceito “*cultum*”, referindo-se ao cultivo do solo e lavoura. O aperfeiçoamento do texto constitucional possibilitou à atual Constituição Brasileira de garantir o exercício dos direitos e as competências comuns da União, Estados, Distrito Federal e Municípios em proporcionar acesso à cultura e à educação.

O constituinte consagrou os valores vetores da sociedade brasileira na Constituição do Brasil, de 1988 (BRASIL, 1988), garantindo o direito social à cultura como bem jurídico, disciplinado como patrimônio público, equiparando o termo à paisagem natural, à cultura, à arte e à história do povo brasileiro. O destaque à cultura e à educação reflete proteção e amparo aos valores orientadores do Estado de Direito.

O desafio que se impõe é a adoção de políticas públicas, projetos e ações do conjunto de pessoas que, segundo Wallerstein (1997), integram a realidade social, universal ou particular enquanto arena de batalhas sociais. Essa emancipação cultural nasce da relação das pessoas com seu contexto, impregnada pelo amor à cultura, estruturação da consciência e do movimento comunitário.

O nome do projeto “Casa Amarela” decorre do sonho de vida do pintor holandês Vincent Van Gogh ao fundar, em Arles, sul da França, uma comunidade de artistas, amantes do sol, para refletir, pintar e dialogar sobre arte. A Casa Amarela, como *atelier* do artista, garantiu uma sensação de mais felicidade a Van Gogh e, segundo sua cunhada Johanna Bongers (2008), o impulso criador e a energia de Van Gogh pareciam inesgotáveis, pois ele escreveu: “finalmente descobri que a vida é quase encantada!”.

Atualmente, o Projeto Casa Amarela incorpora quatro cursos na área de artes: o Curso de Composição Artística e Pintura; o Curso de Desenho de História em Quadrinhos; o Curso de Dança Criativa; e o Curso de Produção de Papel Artesanal. Os cursos, ministrados ao longo de um ano letivo, acolhem pessoas da comunidade convivendo com deficientes mentais ou dependentes, para formação profissional. Na garantia do direito à educação e ao trabalho, o Campus Natal

– Cidade Alta fomenta um trabalho de transformação e valorização da perspectiva humanística na educação técnica e tecnológica, baseada nos princípios de acessibilidade, igualdade e equidade.

No Projeto Casa Amarela, a produção, oriunda das inteligências coletivas, contribui com o processo didático pedagógico e com sistema de gestão do projeto, implementando novas estratégias, competências e saberes, que, segundo Pierre Lévy (2010), colocam em sinergia os conhecimentos de todos os envolvidos. São performances autônomas de interconexão entre saberes coletivos que instauram a transformação dos processos de interação comunitária. Numa integração orgânica, o projeto seduz jovens e adultos para a apropriação afetiva do Campus, de modo que o espaço educacional seja referência de bem-estar e felicidade. A afluência de segmentos populacionais aos cursos do projeto é significativa, consolidando o Campus Natal Cidade Alta – IFRN como locus de diálogo que, segundo Paulo Freire (2005), são formas de vida, nas quais todos crescem pela dissolução das diferenças e pela evolução social. Vencer as barreiras produzidas pela severidade da doença mental significa evocar a atividade criativa, mediada por educadores, que tenham valores e discernimento, para criar ambientes de liberdade e agir com equidade, ativando a aptidão terapêutica de equilibrar razão, emoção para compreensão menos fragmentada e materialista da vida. O acesso às tecnologias, instrumentos e meios artísticos coloca em mediação e diálogo as inteligências coletivas e os interatores dos contextos, impactados pela doença mental.

O projeto desenvolve os cursos, através de encontros semanais, com duração de quatro horas/aula, no *Atelier* de Artes Visuais, na Galeria de Arte e na sala de dança do Campus Cidade Alta-IFRN. O conhecimento é a chave para uma prática ética e cidadã, porque, segundo a Declaração de Salamanca, Espanha, de 1994, a reforma das instituições sociais “depende, acima de tudo, da convicção, empenho e boa vontade dos indivíduos que constituem a sociedade” (UNESCO, 1994:11). A obstrução da vida tribal e da expressão criativa do ser humano, como unidade social, segundo Herbert Head (2013), reprime a manifestação da sensualidade, da emotividade e da intelectualidade, numa tentativa, permanente, de adaptar as pessoas a um sistema de simulacros, que produz frustrações e leva à dissociação do consciente. A expressão artística reconstrói o conteúdo do mundo interior, transposto por distintas vias e códigos, outorgando novos significados que criam as condições para modificabilidade das pessoas

e transformação do mundo. A arte, como instrumento e método de subversão da ordem social, provoca mudanças estruturais, que não podem ser previstas, de como o ser humano continuará existindo e qual será a direção de seu desenvolvimento.

Para Ricardo Nitrini, apud Varella (2014) a demência apresenta um declínio progressivo e persistente da capacidade cognitiva, que interfere nas atividades sociais, afetivas e profissionais, levando o indivíduo à perda gradativa da consciência do mundo. Potencialmente reversível o transtorno mental requer infraestrutura pública, equipes multidisciplinares de apoio e prevenção da saúde mental (prática de atividades físicas, intelectuais e ampliação da escolarização e das formas de atividade imaginativa) que libertam os conteúdos do inconsciente individual.

Para Herbert Read (2013), é possível que a imaginação possua leis que a comandam, que as fantasias, imagens evocadas e sonhos instigados por complexos patológicos possuam suas próprias unidades dramáticas, conexões e tendências à organização formal. A doença mental não é impeditiva para criação artística; ao contrário, o aprendiz transita suavemente, sem censuras ou brechas, entre mundos consciente e inconsciente, evidenciando uma produção sem precedentes, que permite à sociedade conhecer as imagens dos mundos fragilizados pela doença mental.

A função do professor é perceber com atilamento as ideias, decodificar e ler as imagens do inconsciente dos alunos, intervindo para cooperar com a aprendizagem. Permutando o papel docente com discente, o professor acolhe e valoriza os saberes, concepções e ideias do aluno, construídos na convivência familiar, na sociedade e na cultura. Para Maria Stela Santos Graciani (2014), as democracias participativas, a cidadania ativa, o desenvolvimento sustentável, a consciência histórica, a autonomia dos sujeitos e a educação permitem agir e trabalhar nas esferas micro e macro social, recuperando a qualidade do humano. Nos espaços da indiferença, nas brechas da violência, da miséria e do preconceito, a educação e a arte tornam-se ferramentas terapêuticas porque recriam uma dinâmica sensível, de acesso ao conhecimento, usufruto de bens e serviços àqueles que participam do processo educativo, que é a base da relação transformadora entre o IFRN e a sociedade. O diálogo do mestre com os aprendizes amplia o campo de percepção dos participantes, conscientizando-os das vivências em condições sociohistóricas e encorajando-os na conquista da autoestima, pois, segundo Paulo Freire (2005), o aprendiz e o mestre tornam-se, juntos, res-

ponsáveis por um processo no qual todos crescem.

Assim, efetiva-se um processo dialético e afetivo, sem perda do rigor científico acadêmico, para que cada pessoa evolua e desenvolva sua própria criatividade porque “criativas podem ser também as condições estruturais, o clima de trabalho” (BERZBACH, 2013:9), uma vez que o conhecimento proporciona estímulos, referências e material para soluções inovadoras. A Metodologia de Desenvolvimento Básico da Arte Educação e do Portfólio, acopladas à Metodologia do Voluntariado possibilitam a doação generosa, gratuita, do conhecimento sobre arte, cuja função pedagógica é a troca, a perda do individualismo e da solidão, que caracteriza o trabalho profissional na área de artes.

No exercício pedagógico, surge o desafio de abrir espaços para que os alunos experimentem o exercício da docência, alternando papéis entre alunos e professores, o que leva os aprendizes à exclusão do medo de se expor, revelando convicções aos colegas, valorizando os saberes de todos, construídos ao longo da vida. O voluntariado assenta-se na fraternidade, na doação generosa e gratuita, buscando confrarias de cooperação voluntária no ambiente do *atelier*. Para Sonia Tommasi (2005), o desenhar, o pintar e o criar não são aleatórios e sem significado, pois o indivíduo se utiliza desses recursos para estruturar um diálogo interno, que o conduzirá ao autoconhecimento, ao diálogo entre professor e aluno, entre aluno e aluno e entre comunidade e visitantes das exposições. Assim, no ato voluntário de doação de seus saberes, o aluno descobre suas potencialidades, desenvolve habilidades e participa, de forma ativa e solidária, na formação dos demais, conscientizando-se de que aprende mais e melhor quando ensina. Ao doar seu conhecimento, os talentos dos alunos se evidenciam junto à classe, melhorando sua autoestima e a sensação de se sentir útil, de criar vínculos de pertencimento e plena afirmação do sentido comunitário escolar.

Além da metodologia do voluntariado, o portfólio é um instrumento que identifica a qualidade do desempenho do aluno, pela compilação dos projetos e trabalhos realizados durante o itinerário formativo. O Portfólio ajuda o aprendiz a avaliar e documentar, de forma sistemática e reflexiva, a produção artística, instaurando o diálogo entre mestre e aprendiz, para aferir, individualmente, o grau de qualidade das experiências do curso. Segundo Solange Vitoria Alves (2002), o portfólio possibilita ao aluno refletir sobre seu desenvolvimento intelectual e ritmo de trabalho, tornando formativa, interativa e dinâmica a prática avaliativa ou de retroalimentação, sem comparar um aluno com o outro.

Integrada ao Voluntariado e ao Portfólio, a metodologia do Desenvolvimento Básico da Arte na Educação – DBAE, segundo Eliot Eisner (1988), abrange os domínios da produção crítica, histórica e a Estética. A produção de arte estimula cognição para criar obras criativas. A crítica de arte desenvolve o atilamento perceptivo do mundo-vida. A História da arte auxilia na contextualização das manifestações, enquanto a Estética compõe as bases teóricas que refletem e julgam a obra, a partir de critérios.

O trabalho criador é a condição universal do trabalho humano, que se torna práxis lúcida e reflexiva: “o homem encontraria beleza nas coisas úteis que produzisse para satisfazer as suas necessidades primárias, e fruiria da utilidade imediata das coisas belas” (NUNES, 2006:125). Num processo permanente de intelectualização, cooperação solidária e de responsabilidade para com os propósitos sociais, os participantes do projeto são levados a expressar suas experiências e o produto das funções imaginativas do inconsciente. Estimula-se, assim, o humanismo, o exercício da liberdade e o bem-estar comum, porque a escola deve ser o espaço dialógico de interação e de exemplo de como o trabalho social dignifica o homem.

No final de cada ano, os alunos participam da exposição coletiva Novos Talentos, na Galeria de Arte do Campus Natal – Cidade Alta, IFRN, para inserção no circuito da arte, garantindo-lhes o acesso ao mercado profissional. A divulgação na imprensa, sites e mídias sociais resgata a autoestima do aprendiz, na medida em que a comunidade conhece sua produção e seu estilo próprio de expressão artística. Os elementos materiais da linguagem artística, segundo Ray Smith (2008), requerem agentes de ligação e a arte torna-se poderoso meio de comunicação, interação, com dimensão psico-histórica e social, num contexto em constante troca e transformação.

O Projeto Casa Amarela convive com o estranhamento ante o direito e o processo histórico de exclusão artística presentes na história da arte e das comunidades brasileiras. Através do compartilhamento, os integrantes da equipe criam laços de confiança, apoio mútuo e, segundo Young (2007), infraestrutura sobreposta à hierarquia funcional, que determina o sucesso alcançado pela equipe multidisciplinar como meio/instrumento de apropriação afetiva do Campus ou como agente educacional.

Num processo de gestão compartilhada, a equipe integra gestores, curadoria, professoras, servidores, acadêmicos, psicóloga, estagiários, artistas, usuários do CAPS e comunidade numa conexão de pensamen-

to, de valores e de propósitos sociais. Os propósitos da arte, seus pontos de vista e formas de expressão, para Graham-Dixon (2011), levam a aprender, a ver, a decifrar uma obra e a entender seus objetivos, fortalecendo os componentes imagéticos do inconsciente. O valor estético se forma no estado de consciência compartilhado, nas formas e espaços criados, percebidos como exemplos familiares da vida e da experiência do doente, provocando um trabalho social coletivo, que implica repensar os valores, a ética das práticas e os matizes pedagógicos, revelados pela perspectiva humanística. A criação artística é uma exigência das sociedades humanas para perceber e entender as representações da realidade humano-social, de modo a expressar e clarificar sentidos, os valores coletivos e a experiência de cada sujeito no tempo, inserido numa cultura e consciente de suas condições, contradições, de sua posição e potencial na existência social.

Laços culturais e afinidades, com base em memórias comuns, são os elos entre membros de comunidades humanas globais, constituídos como indivíduos, que têm necessidade de interação, tornada mais imperiosa em integrantes de confrarias mais inteligentes. Para Iván Izquierdo (2011), o exercício e a prática cognitiva, que absorvem as formas de pensar, integrando o desenvolvimento fragmentos de fantasia, que ampliam a memória, a criatividade e a percepção dos modos e formas de estruturação e transformação do mundo. Esse trabalho social de recriação do sentido do humano só é possível, neste início de século XXI, se todos forem um pouco artistas e evocarem as memórias dos holocaustos, dos preconceitos, da miséria, da escravidão, da doença e da exclusão. Para Darcy Ribeiro (2006), os novos modelos de estruturação societária persistem em inaugurar formas singulares de organização socioeconômica, fundadas num tipo novo de escravismo, competitividade e na servidão continuada ao mercado mundial.

Aos educadores cabe influir no domínio ético porque, segundo Rose Mari Muraro (2009), incluir as comunidades em torno do solidário sugere o exercício pleno do papel de cidadãos tomando decisões sobre seu futuro e da espécie. O universo recicla o pó das estrelas que explodem criando outras estrelas para que a vida não se perca. O pensamento que se eleva em inventividade e originalidade, mais recorre à natureza global de funcionamento do cérebro e da cognição humana.

Portanto, o desenvolvimento dual do cérebro, segundo Betty Edwards (2003), chamado habilidade global, evidencia a maneira cooperativa e complementar dos processos mentais, preservando estilos específicos



cognitivos de pensamento e de desempenho: o diálogo entre a percepção e linguagens artísticas, que inspiram a inteligência plena. A avaliação do aprendizado é feita a partir das apreciações e reflexões e associa-se à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando e do diálogo para inovar os modos pedagógicos e a produção da inteligência coletiva.

---

## Considerações finais

O projeto Casa Amarela, como espaço de diálogo, de compartilhamento de poder, de construção coletiva de conhecimentos, de respeito à diversidade e de formação para o mercado da arte, revisa as formas de relacionamento da instituição IFRN com segmentos populares, estigmatizados pela deficiência e dependência. Na medida em que a sociedade se apropria, afetivamente, dos espaços do Campus Natal – Cidade Alta, vislumbra-se o trabalho social na gestão pública, de conquistas e afirmações de identidades fragilizadas pela doença mental e pela dependência.

A constituição de 1988 e a legislação educacional já asseguraram o direito à cultura e à educação aos brasileiros, mas permanece o desafio de construir modelos educacionais de trabalho social que possam acolher pessoas com exclusões extremas e grupos vulneráveis ou em situação de abandono social, para garantir-lhes o exercício da cidadania. A criatividade, como conjunto de duas ou mais memórias, possibilita aos docentes – irritados com a exclusão, massificação e o descaso – combinar os componentes das memórias para criar novos processos educacionais, os quais os afastam de realidades com que não compactuam. A arte possibilita aprender a ver e perceber de modo diferente, distanciando-se dos processos habituais de pensar. Ademais, o aumento do vigor do processo criativo implica algo além do que já foi feito e existiu: as utopias – no mundo.

O projeto Casa Amarela, enquanto experiência formativa gratuita, na área de artes, já proporcionou a mais de três centenas de pessoas da comunidade a conscientização sobre o direito social à cultura e à educação. Na parceria com os Centros de Atenção Psicossocial, evidencia-se atenção maior aos desafios sociais com vistas à unificação de esforços ins-

titucionais para melhoria da qualidade de vida das coletividades, enfrentamento da doença mental e dependência, reconciliando as provocações individuais com o bem-estar coletivo.

O Campus Natal – Cidade Alta do IFRN, em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, ostentou uma reforma cujo resultado trouxe à edificação novos sentidos e significados, diversos daqueles da velha “república das artes”. Ao refletir sobre condicionantes e elitismos históricos de acesso da população brasileira à arte, repensa-se a ação do poder público, das instituições educativas e os entraves que persistem para garantir o direito ao trabalho e à educação. A intervenção, com base nos interesses das populações com transtorno mental e dependência, agrega uma fraternidade de docentes, alunos e profissionais, articulada de forma orgânica e colaborativa para compartilhar o que de melhor cada um tem. A criatividade, para Miguel Nicolelis (2008), é gerada pela atividade de circuitos mentais. Nesse sentido, todos têm criatividade, até mesmo os animais, mas é necessário um projeto de nação, em que a ciência, a informação e o conhecimento sejam agentes de libertação, formação e de transformação. A escola precisa ser o lugar de acolhimento, onde as pessoas se sintam aceitas e amadas, porque vão para sonhar e serem felizes. O trabalho social tem seu comprometimento no bem-estar social, melhor qualidade de vida escolar, diálogo e emancipação cultural. Nas suas cartas, segundo Johanna Bonger (2008), Vincent Van Gogh escreveu a Émile Bernard: “em nossa penosa profissão de pintores, precisamos terrivelmente de homens que tenham as mãos e os estômagos de operários. Custos mais naturais, mais amor e temperamentos mais caridosos, do que os dândis decadentes”. Esse processo de emancipação dos excluídos nasce da reestruturação de uma consciência do lugar de cada um na sociedade e de mais amor como ser humano. A ação comunitária e o trabalho social precisam estar compromissados com a reforma das instituições e das mentes dos indivíduos, para acolher e re-inserir aqueles que foram fragilizados e destituídos de seus direitos e garantias, provisoriamente, pela doença mental ou pela dependência.

---

## Referências

- ALVES, Solange Vitoria. (2002). *O portfólio como instrumento de avaliação na organização do trabalho pedagógico*. Revista @prender Virtual de novembro/dezembro de 2002. Disponível em: <<http://www.cespe.unb.br/avaliacao/artigoavaliacao2.pdf>>. Acesso em jul. 2014.
- BEAR, Mark F; CONNORS, Barry; PARADISO, Michael A. (2008). *Neurociências: desvendando o Sistema Nervoso*. Trad. Carla Dalmaz et al. 3.ed. Porto Alegre: Artmed. 896 p.
- BERZBACH, Frank. (2013) *Psicologia para criativos: dicas e sugestões de como manter a originalidade e sobreviver no trabalho*. Trad. Silvia Lohn, São Paulo: Editora G.Gili. 173 p.
- BONGER, Johanna. (2008). *Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada Johanna AntonetteBonger*. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM. 203p..
- BRASIL.Constituição Política do Império do Brasil, de 25/03/1824. Disponível em:< [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm)>. Acesso em set.2013
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5/10/1988. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em: 26 jul. 2012.
- EDWARDS, Betty. (2003). *Exercícios para desenhar com o lado direito do cérebro*. Trad. Heitor Pitombo. 1. Reimp. Rio de Janeiro: Ediouro. 246p.
- EISNER, Eliot. (1988). *The Role of Discipline-Based Art Education in America's Schools*. Getty Education Institute for the Arts: Los Angeles, USA.
- ELKINGTON, John; HARTIGAN, Pamela. (2009) *Empreendedores sociais: o exemplo incomum das pessoas que estão transformando o mundo*. Trad. Ana Gibson. Rio de Janeiro: Elsevier. 242p.
- FEUERSTEIN, Reuven; FEUERSTEIN, Refael S.; FALIK, Louis H. (2014) *Além da inteligência: aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro*. Trad. Aline Kaehler, Petrópolis: Vozes, 259p.
- FREIRE, Paulo. (2011). *Educação com prática de liberdade*. 14ª ver. Atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 192p.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. 43ª ed. Rio e Janeiro: Paz e Terra. 107p.
- GARDNER, Howard. (1999). *Mentes extraordinárias: perfis de quatro pessoas excepcionais e um estudo sobre o extraordinário em cada um de nós*. Trad. Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Rocco. 176p.
- GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (2011). *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez. 279p.
- GRACIANI, Maria Stela Santos. (2014) *Pedagogia Social*. São Paulo: Cortez. 205p.
- GRAHAM-DIXON, Andrew (Edit). (2011). *Arte: o guia visual definitivo*. Trad. Eliana Rocha. São Paulo: Publifolha. 612p.
- IZQUIERDO, Iván. (2011) *Memória*. Porto Alegre. 133p.
- LONGMAN, Liliane Vieira. (2007) *Memórias dos surdos*. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana. 168 p.
- MURARO, Rose Mari. (2009) *Os avanços tecnológicos e o futuro da humanidade; querendo ser Deus?* Petrópolis: Vozes. 356p.
- NUNES, Benedito. (2006). *Introdução à filosofia da Arte*. 5. Ed. São Paulo; Editora Ática. 128p.
- READ, Herbert. (2013). *A educação pela arte*. Trad. Valter L. Siqueira. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 366p.
- RIBEIRO, Darcy. (2006) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras. 435p.
- TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. (2005). *Arte-terapia e loucura: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos*. São Paulo: Vetor. 314p.
- UNESCO, *Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais*. Salamanca: Espanha, 1997. Disponível em: <[www.direitoshumanos.usp.br/documentos/trata](http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/trata)>. Acesso 27.06.2012.
- YOUNG, Trevor L. (2007). *Gestão eficaz de projetos*, Trad. Henrique Amar Rêgo Monteiro. São Paulo: Clio Editora. 176p.
- UNESCO, *Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre necessidades educativas especiais*. Salamanca: Espanha, 1997. Disponível em: <[www.direitoshumanos.usp.br/documentos/trata](http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/trata)>. Acesso 27.06.2012.
- VARELLA, Dráuzio. (2014) *Entrevista com o Dr. Ricardo Nitrini sobre Demências*. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/envelhecimento/demencias/>>. Acesso em: nov. 2014.
- VARELLA, Drauzio; NICOLELIS, Miguel. (2008). *Prazer em conhecer: a aventura da ciência e da educação*. Mediação Gilberto Dimenstein. Campinas: Papirus 7 Mares. 112p.
- WALLERSTEIN, Immanuel. (1997). *As Ciências Sociais no Século XXI*. Trad. Carina Morgado. New York: Free Press. Disponível em: <[http://www.historiagora.com/dmdocuments/Historia3\\_ciencias\\_sociais\\_seculo\\_XXI.pdf](http://www.historiagora.com/dmdocuments/Historia3_ciencias_sociais_seculo_XXI.pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2014.